

Diário do Comércio – 31/01/2009

Energia da Cemig fica mais cara neste ano

Dólar está pressionando custos.

DIVULGAÇÃO



Para a Fiemg, um aumento nas tarifas de eletricidade deverá piorar a situação das empresas que já enfrentam a crise econômica

O preço da energia elétrica cobrado pela Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) deve ficar mais caro em 2009. Na próxima revisão das tarifas, marcada para abril, a tendência é que a valorização do dólar frente ao real - parte da energia comprada pela Cemig vem da usina binacional de Itaipu, que é cotada na moeda norte-americana - aliada ao aumento dos custos com impostos e encargos pagos ao governo federal resultem em contas mais caras para o consumidor mineiro. É o que avaliam especialistas relacionados ao setor ouvidos ontem pelo DIÁRIO DO COMÉRCIO.

O presidente da Associação Brasileira dos Agentes Comercializadores de Energia Elétrica (Abracel), Paulo Pedrosa, disse que existem vários fatores que precisam ser levados em conta na hora do cálculo da tarifa. Um deles é o aumento do dólar.

"Como o reajuste é calculado apenas uma vez por ano, o consumidor está pagando o preço do dólar de um ano atrás, que era bem mais barato. Agora, vai ser calculado o preço atual e também do passivo que ficou em relação às perdas de receita que a Cemig teve desde que a moeda americana subiu", afirmou.

No ano passado, cerca de 30% das compras de energia feitas pela concessionária foram de Itaipu. Há uma determinação do governo que obriga as distribuidoras do Sudeste, Sul e Centro-Oeste a comprar energia dessa usina. Em junho de 2008, por exemplo, o saldo das compras da Cemig foi de R\$ 60,498 milhões e no final de setembro passou R\$ 208,647 milhões em razão das variações cambiais.

Além disso, segundo Pedrosa, ao longo de 2008 o governo adquiriu energia elétrica extra de várias outras usinas termelétricas para evitar um suposto apagão por causa do esvaziamento dos reservatórios, o que acabou gerando um gasto extra muito alto.

"Isso também vai ser adicionado na hora do cálculo da tarifa", observou.

DIVULGAÇÃO

Com pressão do dólar, preços da energia elétrica da Cemig ficarão mais caros



Custos - O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, lembra que para custear o acionamento das térmicas no ano passado - acionadas para abastecer o mercado argentino - foram necessários cerca de R\$ 2 bilhões. Sendo assim, para 2009 o impacto desses gastos na tarifa de energia deverá ser forte.

"No caso da Eletropaulo, que já divulgou o valor do reajuste (8%), cerca de 20% do total dele (reajuste) foi decorrente apenas desses gastos do governo. Infelizmente, o mesmo deve ocorrer em relação à Cemig, já que é o consumidor quem paga por isso no final", ressaltou.

Por outro lado, o presidente do Conselho dos

Consumidores da Cemig, Emílio Ludovico Neumann, não aposta em reajustes significativos. Para ele, além dos já citados, há outros fatores que também interferem na definição do preço final cobrado pela energia, como os investimentos feitos pela concessionária, o resultado financeiro que ela obteve no ano anterior e, ainda, o cenário econômico enfrentado pelo país no momento. "O aumento é cabível, mas hoje acho pouco provável", frisou.

Para Neumann, diante do cenário de desaceleração da economia causado pela crise que, em Minas Gerais, atingiu fortemente os setores como mineração, siderurgia e o segmento automotivo, o aumento da tarifa não seria bem-vindo não só para o consumidor, bem como para o comércio e a indústria. "O cenário é de redução do consumo, o que pode fazer com que a estatal altere o prazo dos investimentos", disse.

Mercado livre - Já no mercado livre, as previsões são mais animadoras. Fontes ligados ao setor, apontam uma forte tendência de queda nos preços das tarifas, tendo em vista a diminuição da demanda advinda do setor industrial. De acordo com Paulo Pedrosa, a diferença do mercado livre para o cativo, é que no primeiro caso, a negociação é feita diretamente entre os consumidores e a concessionária de energia, pois tratam-se de contratos mais duradouros.

"O que está sendo verificado hoje é que o aperto no mercado de energia foi amenizado com a redução do consumo. Por isso, as opções para quem vai negociar os contratos agora são bem interessantes. Hoje o valor do megawatt/hora está bem mais barato do que o comercializado no final do ano passado. E, com o avanço da estação chuvosa é provável que permaneça em patamares inferiores", disse.

Para os setores que podem usufruir do mercado livre de energia - aqueles consumidores que consomem acima de 3 megawatts/hora - a redução das tarifas será muito bem-vinda. No entanto, para aqueles que não se enquadram nesse grupo, o momento é de preocupação. É o caso do setor de bens de capital, que já amarga perdas significativas em função da crise.

"Essa notícia vem no pior momento possível. A situação já está bastante ruim, com um possível aumento das tarifas tende a ser ainda pior. Teremos aumento de custos que muitos não poderão arcar. Não descarto a possibilidade de algumas empresas virem a fechar as portas. O governo deveria fazer alguma coisa, antes que seja tarde", avisou o presidente do Sindicato da Indústria Mecânica de Minas Gerais (Sindmaq), Petrônio Machado Zica.